

Na Europa, ninguém compra títulos da nossa dívida.

O Brasil é a oitava economia do mundo, continua sendo o país do futuro, a crise atual é "temporária", tudo bem, mas precaução é a maneira menos arriscada de fazer negócios no mercado financeiro. Eis como o diretor de um grande banco europeu justifica a paralisação das negociações, no Euromercado, em torno dos títulos da dívida externa brasileira desde o anúncio da moratória.

Em Londres, especialmente, prospera um mercado secundário de venda de títulos de dívida de países. Encontra-se título da Nicarágua (por 10%), Filipinas, Honduras, etc. O banco que concedeu um empréstimo, mas deseja desenhar-se do negócio, oferece seu crédito com um deságio que reflete (no seu entender) o risco político-econômico do país. Ao final, todos ficam contentes - e certos de que fazer negócios em torno de países em desenvolvimento, se são mais arriscados, não deixam também de ser mais rentáveis.

Títulos da dívida brasileira eram negociados por 80% do seu valor, depois, pela natureza das coisas, evidentemente, os bancos passaram a oferecer os títulos por 70%. Mesmo esse deságio de 30% não estimula, no momento, os investidores. O que mais os afugenta, lembra o diretor do banco, é exatamente quando o país confessa que o caixa está fechado, sem divisas.

No entanto, estima, certamente os bancos voltarão a vender brevemente títulos do Brasil, quando o governo apresentar seu plano de ajustamento e quando proporcionar estímulos ao programa de conversão de parte da dívida em capital de risco. Um funcionário do mercado de capitais lembra que, ano passado, mesmo empresas nacionais chilenas compraram títulos do Chile junto aos bancos.

Se existe precaução com relação à atual conjuntura brasileira, com relação a Cuba existe pesadelo. A dívida cubana é numericamente, quase insignificante em relação à brasileira, apenas US\$ 4,4 bilhões, mas um repúdio ou limitação de seu pagamento daria um golpe suplementar à credibilidade já abalada dos bancos europeus e japoneses.

O problema de Cuba é resultado do que ocorre com a maioria dos países em desenvolvimento, dependentes das variações dos preços dos produtos primários. A queda no preço do açúcar reduziu a entrada de divisas fortes em 1986 a US\$ 275 milhões, contra US\$ 1,1 bilhão no ano anterior. Depois, a queda do preço do petróleo afetou a receita proveniente das reexportações do petróleo soviético. Enfim, a queda do dólar fez o resto: a dívida cubana é registrada em iene, marco e outras divisas europeias, enquanto suas exportações são contabilizadas pelo dólar. Cuba não teria hoje mais do que US\$ 70 milhões como reservas cambiais.

Moratória, repúdio de dívida — a história repete-se. Em 1327, o rei inglês Eduardo III negava-se a pagar aos bancos italianos. Não aceitava nem mesmo reescalonar a dívida. Os bancos quebraram. Já no século passado, foi a vez de vários Estados norte-americanos simplesmente negarem-se a pagar aos investidores ingleses.

Assis Moreira, de Genebra.